

# TEMPO E FINITUDE: A TENSÃO ENTRE VIDA E MORTE

Angela Guida

*A morte da terra é tornar-se água, a morte da água, tornar-se ar e a do ar tornar-se fogo e vice-versa.*

Heráclito, *Fragmentos*.

No evangelho de Mateus (25.13), temos, na parábola das dez virgens, a seguinte sentença: “Vigiais, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mateus, 1969, p. 37). O narrador do conto “Os chapéus transeuntes”, de Guimarães Rosa, de certa forma estabelece um rico diálogo com a sentença bíblica quando nos diz que “a morte é para qualquer momento, não se deve estar de pijama” (1969, p. 51). Quais leituras podemos fazer dessas duas sentenças? Antes, por que iniciamos este ensaio nos reportando a elas? No texto bíblico, nos é possível o vislumbre do *Kairós* como o tempo oportuno e, de forma mais precisa, tendo por medida os princípios postulados pelo cristianismo, também o vislumbre de um tempo de salvação que poderia ser o da morte, o tempo do encontro com o Messias, de acordo com a travessia de cada um. Logo, também podemos ver nessa *vigília* indeterminada, uma vez que não se sabe nem o dia nem a hora, um diálogo com a finitude. E, como diz o narrador do conto de Rosa, não se pode estar de pijama. Desse modo, as sentenças que ora expusemos são o ponto de partida para tecermos, nas linhas que se enunciam, algumas pequenas reflexões em torno do fio que liga tempo e finitude e, por conseguinte, vida e morte.

Pensadores, filósofos e poetas de todos os tempos, em algum instante de suas reflexões/criações, lançaram um olhar para o binômio tempo e finitude, vida e morte, pois, desde a origem, são pensados sob o mesmo diapasão. O que, decerto, revela-se bastante legítimo, uma vez que se trata de questões inerentes à nossa condição humana. Heidegger, por

exemplo, tem-nos trazido reflexões por demais significativas no que diz respeito a tempo e finitude. Em 25 de julho de 1924, numa conferência destinada à comunidade teológica de Marburgo, o pensador já delineara quais seriam as marcas do caminho percorrido por ele ao longo de uma vida que teve por medida o comprometimento com o pensar, com o ser e, por conseguinte, com a temporalidade, que encontrou eco maior em sua obra-prima de 1927 – *Ser e tempo*. Na conferência de Marburgo, Heidegger nos apresenta um diálogo tensivo com o tempo e a morte e assinala essa tensão na forma de um questionamento que, de início, traz as marcas do contraditório. Argumenta que a morte revela, numa mesma face, certeza e indeterminação absolutas: “*Esta posibilidad más extrema de ser tiene el carácter de lo que se aproxima con certeza, y esta certeza está caracterizada a su vez por una indeterminación absoluta. [...] La certeza indeterminada de lá más propia posibilidad del-ser-relativamente-al-fin*” (Heidegger, 2006a, p. 43).<sup>1</sup> Contraditório, quando pensamos que é natural associar certeza ao que, de alguma forma, se encontra determinado. Assim, certeza indeterminada causa, pelo menos inicialmente, certo estranhamento. Não obstante, Heidegger nos convida a ver que, na morte, certeza e indeterminação encontram-se sob o mesmo campo semântico, logo, não é possível para pensar uma sem a outra.

Segundo o pensador, o que faz da morte ser a morte é a certeza inquestionável que dela temos, a única conclusão possível na vida. Ou, como nos dizem os versos de Fernando Pessoa: “Só uma cousa me apavora/ A esta hora, a toda hora: É que verei a morte frente a frente/ Inevitavelmente./ Ah, este horror como poder dizer! Não lhe pode fugir. Não podê-lo esquecer” (Pessoa, 2007, p. 485). Ou ainda, os versos de Cecília Meireles: “Eu mesma vejo o meu sepulcro./ Vejo-o e toco seus relevos./ Eu mesma estou deitada, e sou mármore feliz./ belo mármore dourado, em posição de eterno sonho” (Meireles, 1997, p. 117). Mas quer com os versos do poeta português, que revelam o pavor diante do inevitável, ou com os de Cecília Meireles, que veem o “belo mármore dourado”, essa consciência da mortalidade é um *antecipar-se* do *Dasein*. Antecipação que, para Heidegger, se dá como o futuro autêntico, a nossa possibilidade mais extrema: “*Esta anticipación no es otra cosa que el futuro propio y singular del respectivo ser-ahí*” (Heidegger, *op. cit.*, p. 47).<sup>2</sup>

Ter consciência da morte é um *antecipar-se*, é um futuro autêntico que se faz presente. Clarice Lispector, no conto “O ovo e a galinha”, diz que viver “leva à morte” (1998, p. 52). De fato, viver é um exercitar-se para a morte, e esse exercitar-se nada mais é que um antecipar-se, portanto, um futuro. A finitude não é um acidente de percurso, um descuido na vida, mas o fundamento de nossa existência. Fundamento esse que, decerto, causa inquietude não por sua certeza, mas por sua indeterminação e, sobretudo, por não sabermos o que nos espera. A aura de mistério que nos aguarda aflige imensamente, pois, até hoje, ninguém que morreu conseguiu voltar para nos relatar sua experiência de encontro com a morte. Esse temor diante do desconhecido encontra-se poeticamente delineado nos versos que compõem “O futuro”, poema de Álvaro de Campos, bem como no poema “Primeiro fausto”, de Fernando Pessoa. Um temor em vão, porque o que se teme virá de qualquer maneira: “Sei que me espera qualquer coisa” (Pessoa, 2007, p. 520). Mas o quê? Na verdade esse “*quê*” não nos parece de todo indeterminado, porque ele sabe, tem certeza, consciência de que esse “*quê*” é a morte. A questão se dá, então, em torno do mistério que essa morte traz consigo e que o liga ao futuro por meio da consciência que tem dela. “O mistério da morte a mim o liga” (*Ibidem*, p. 520). O mistério da morte *antecipa* o futuro. Há uma antecipação da morte em virtude da consciência da mortalidade. Enquanto o poeta se angustia com esse desconhecido que reveste a finitude, outra questão também se coloca: o *quando*. O tempo indeterminado do *quando* é motivo bastante para afligir a alma do poeta, porque é um prolongamento em torno do desconhecido que o aguarda. Assim, o temor não se revela só por não saber que coisa nos espera, mas, sim, no *quando* essa coisa que nos espera chegará. Um tempo que se antecipa, um tempo que se desvela, mas ao mesmo tempo se retrai. A consciência da mortalidade já está aí, já se antecipa, é o futuro autêntico.

Sei que me espera qualquer coisa  
Mas não sei que coisa me espera.

Como um quarto escuro  
Que eu temo quando creio que nada temo

*Mas só o temo, por ele, temo em vão.*

Não é uma presença: é um frio e um medo.

O mistério da morte a mim o liga

Ao brutal fim do meu poema

(*Ibidem*, p. 520, grifos nossos).

III

Ah, o horror de morrer!

E encontrar o mistério frente a frente

Sem poder evitá-lo, sem poder...

IV

Gela-me a ideia de que a morte seja

O encontrar o mistério face a face

[...]

V

... gela-me apenas, muda,

A presença da morte que triplica

O sentimento do mistério em mim.

[...]

O animal teme a morte porque vive,

O homem também, e porque a desconhece;

Só a mim é dado com horror

Temê-la, por lhe conhecer a inteira

Extensão e mistério, por medir

O [infinito] seu de escuridão

(Pessoa, 2007, pp. 483-4).

Essa extensão e esse mistério são tão reais que criam em nós o movimento natural de querer negar a finitude. Assim, Heidegger observa que a consciência e a certeza da morte são tão plenas que nos levam à negação dessa possibilidade mais extrema, convertendo-se em uma espécie de saber que duvida. Sei, mas não quero pensar nela: “*La mayoría*

*de las veces sé de la muerte en la forma de un saber que duda*” (Heidegger, 2006a, p. 44).<sup>3</sup> Como se bem no íntimo mantivéssemos a incauta esperança de que ela não fosse chegar até nós. Vai subir as escadas e tocar a campainha do vizinho. E, mesmo que toque a nossa, se ficarmos bem quietinhos, ela desistirá e irá embora. Trata-se de um mascaramento da morte e, por conseguinte, de uma negação do futuro autêntico. Uma negação, quiçá, de nosso tempo mais certo, o único tempo sobre o qual parece nos ser concedida alguma certeza, ao contrário do que pensa, por exemplo, Sêneca. O filósofo, em sua obra *Sobre a brevidade da vida*, afirma que só temos certeza sobre um tempo: o passado. Se a consciência de nossa mortalidade *antecipa-nos* o futuro, não seria o futuro autêntico o tempo sobre o qual mais dispomos de certeza? Uma certeza de que, a todo momento, tentamos duvidar e lançamos mão de estratégias diversas para maquiá-la, conforme podemos observar no filme de Yojiro Takita – *A partida* (2008) –, bem como em uma reportagem feita pelo jornalista Roberto Wüsthof, na ocasião do lançamento do livro *Noch Mal Leben vor dem Tod* (2005),<sup>4</sup> na Alemanha. Um livro que, na voz do jornalista, dá-se como uma tentativa de colocar morte e vida “frente a frente”. Uma tentativa que chega atrasada, diga-se de passagem, pois vida e morte sempre estiveram frente a frente.

O filme japonês narra a história de Daigo, um violoncelista que perde seu emprego com a dissolução da orquestra em que tocava. Diante desse revés, Daigo retorna para sua cidade natal disposto a recomeçar nova vida. Vê-se perante uma proposta de trabalho, em termos de salário, tentadora. No entanto, trata-se de uma atividade que, pelo menos de início, não atrai ninguém. Daigo aceita o trabalho e tem como função preparar cadáveres para as cerimônias de funerais. O violoncelista passa a ser um *nokanshi*, profissional responsável por deixar os corpos sem vida mais atraentes. Através da retomada dessa antiga tradição nipônica, o filme traz como *leitmotivo* a morte e nossa relação com ela. Uma forma de amenizá-la e torná-la mais convidativa na figura dos mortos limpos, maquiados, bem vestidos e, de certa forma, negá-la em sua cruenta e certa realidade. É o *embelezamento* da morte.

O livro sobre o qual fala o jornalista Roberto Wüsthof também confere à morte certo embelezamento. Seus autores, a jornalista Beate

Lakotta e o fotógrafo Walter Schels, fotografaram doentes terminais em hospitais da Alemanha, pouco antes e logo após suas mortes. Nos vários depoimentos colhidos, citam, por exemplo, o caso de um mendigo inteiramente desprovido de vaidade e que, ao saber que sofria de uma doença incurável, passou a se cuidar com extrema vaidade: “Barbeou-se, penteou-se e conseguiu roupas novas e limpas para morrer com dignidade” (Lakkota; Schels apud Wüsthof, 2005). A nós, todas se revelam como estratégias para amenizar o momento da partida, um momento que, sem dúvida, aflige e inquieta o humano desde sua origem, mas inquietar não deve ser visto como sinônimo de mascarar. Quiçá, por meio dessa espécie de mascaramento do inevitável, a aflição e a inquietude, de fato, fiquem mais leves, mas até que ponto essa possível leveza se faz necessária para a nossa condição humana?

Já o poema “A partida”, de Álvaro de Campos, difere – e muito – de *A partida*, de Yojiro Takita. Nos versos de Campos, a partida se dá sem embelezamento, sem maquiagens. Melhor. Há uma maquiagem, mas ela é negra. Também nos é possível vislumbrar nesses versos o futuro autêntico, posto que a consciência que o poeta tem da morte é plena e definitiva. Uma criança que sai naturalmente do colo da amavida para a mãe-morte. A maquiagem que pinta as sensações do poeta diante da finitude, em sua cor negra, sugere o descolorido diante da morte.

Agora que os dedos da Morte à roda da minha garganta  
 Sensivelmente começam a pressão definitiva...  
 E que tomo *consciência* exorbitando meus olhos,  
 Olho para trás de mim, reparo pelo passado fora  
 Vejo quem fui, e sobretudo quem não fui,  
 Considero lucidamente o meu passado misto  
 [...]

Estendo os braços para ti como uma criança  
 Do colo da ama para o aparecimento da mãe...  
 [...]

A morte – esse pior que tem por força que acontecer;  
 Esse cair para o fundo do poço sem fundo;  
 Esse escurecer universal para dentro;  
 Esse apocalipse da *consciência*, com a queda de todas as estrelas –  
 Isso que será meu um dia,  
 Um dia pertíssimo, pertíssimo,  
 Pinto de negro todas as minhas sensações,  
 E é a areia sem corpo escorrendo-me por entre os dedos  
 O pensamento e a vida.  
 [...]  
 (Campos, 2002, p. 195, grifos nossos)

Quando Heidegger argumenta que a morte traz em si a aura da certeza e da indeterminação, a primeira característica – a conclusão de que somos mortais – quiçá, não seja aquilo que causa inquietude nos corações humanos, afinal, a morte é “tudo que vemos acordados” (Heráclito, 1980, p. 59). Mas a indeterminação, sim. Então, o que apavora não é a sua inevitabilidade, como dizem os versos de Pessoa há pouco citados, ou até mesmo o não saber o que nos aguarda, mas, sim, o *quando*. Esse tempo indeterminado é que faz pressão, de fato, em nossa garganta. De quanto tempo dispomos até que a morte comece sua pressão definitiva em nossa garganta? Somos mortais, mas quando nossa mortalidade ganhará facticidade? Um instrumento eficiente para calcular tal medida escapa-nos. É areia sem corpo escorrendo por entre os dedos. Quando ela virá? Não sabemos *quando* e, nessa impossibilidade de controlar esse tempo indeterminado, talvez reste ao homem ceder ao apelo da vigilância preconizada pela sentença bíblica e pelo narrador do conto “Os chapéus transeuntes” – vigiais, porque não sabeis nem o dia nem a hora e, em virtude disso, não se deve estar de pijama.

Heráclito, no fragmento 62, diz-nos: “Imortais mortais, Mortais, imortais, vivendo a morte dos outros, morrendo a morte dos outros” (1980, p. 91). Esse fragmento nos remete ao que argumenta Françoise Dastur acerca da morte como experiência intransferível. Não podemos viver nem morrer a morte do outro. Esse é o processo mais individual de que se tem notícia nas relações humanas. Momento de profunda so-

lidão em que nos vemos sozinhos diante da nossa possibilidade mais extrema, decerto, um tempo muito próprio. Não obstante, Dastur observa que, nesse momento de mais completa individuação, tornamo-nos idênticos. É na experiência do não partilhável, do não viver e morrer a morte do outro que nos tornamos iguais aos outros. No tempo próprio, experienciamos o tempo compartilhado, porque, a cada tempo, o chapéu da morte está sobre a cabeça de cada um de nós transeuntes na vida. Tempo e finitude. Tensão vida e morte.

Somos seres para a morte. Essa consciência, apesar das maquiagens, é clara a qualquer humano. No ensaio “A crise da ética hoje”, Emmanuel Carneiro Leão retoma um conhecido comentário de Freud, o de que a “morte é a meta da vida”, para estimular nosso pensamento a caminhar um pouco mais longe. Ele nos adverte que esse entrelaçamento não deve ser tomado em sua forma restrita, isto é, somos mortais, e um dia, que não sabemos quando, chegará a nossa hora. Para Carneiro Leão, “a morte como meta da vida” leva-nos a pensar na vida como um todo. A vida vai desaparecer não em virtude de uma catástrofe cósmica, ou, como muitos acreditaram que aconteceria, no fim do milênio passado. “O grande matador da vida tem sido e será o cérebro humano. [...] Na atmosfera de violência institucionalizada, vai-se cumprindo o destino entrópico do cérebro humano” (Leão, 2001, p. 12). Mas por que as reflexões de Carneiro Leão despertaram nosso interesse? Pelo que elas trazem de humano. O homem se preocupa com sua própria vida-morte, tenta “vigiá-las” e, com isso, mergulha num individualismo nunca visto antes. Fraçoise Dastur, conforme comentamos há poucas linhas, argumenta que a consciência da mortalidade, mesmo na individuação, nos torna idênticos. Idênticos, mas não menos individualistas. Vivemos, sim, numa corrida desenfreada, como se tivéssemos diante de nós o último dia de nossas vidas. E isso também é matar a vida.

Somos seres para a morte, dissemos há pouco. Mas também somos seres que vivemos na tensão vida e morte. Uma tensão que se perfaz *entre* a morte contínua, que se dá diariamente, e a morte fática, que se dá de fato. Aliás, como bem observa Octavio Paz, nosso nascimento já se dá como a primeira experiência de morte – a morte do feto. Então, por que ainda necessitamos maquiagem a morte? Ela não é algo que está



longe de nós, mas nossa mais presente companheira, seja por sua presença fática ou por sua presença contínua, experienciada a cada nascer do dia. Há na literatura ricos textos que nos permitem dialogar com esse viver que se dá como morte contínua. Poderíamos apresentar uma infinidade deles, nos quais encontraríamos profícuo eco para nossas reflexões. Decidimos por um belo poema de Cecília Meireles – “Tu tens medo”. Nesse poema, Cecília Meireles nos convida a refletir acerca do verdadeiro sentido da morte, porque morrer não significa necessariamente perder as funções vitais. Morre-se de muitas maneiras, e algumas conseguem ser mais cruéis que a morte fática. Não obstante, também há mortes que se dão como uma verdadeira fonte de vida. Mortes como transformação necessária para alcançarmos não o nirvana búdico, mas pelo menos certa sabedoria essencial ao bem viver. Morte como salto mortal, como mudança de natureza e renascimento.

Tu tens um medo:  
Acabar.  
Não vês que acabas todos os dias.  
Que morres no amor.  
Na tristeza.  
Na dúvida.  
No desejo.  
Que te renovas todo o dia.  
No amor.  
Na tristeza.  
Na dúvida.  
No desejo.  
Que és sempre outro.  
Que és sempre o mesmo.  
Que morrerás por idades imensas.  
Até não teres medo de morrer.

E então serás eterno  
(Meireles, 1997, pp. 193-4).

Morte e vida, *Thánatos* e *Dzoé* se entrelaçam, tocam-se, dançam um balé ritmado. O filósofo Alexandre Costa, num diálogo com o fragmento 26 de Heráclito – “O homem toca a luz na noite, quando com visão extinta está morto para si; mas vivendo, toca o morto, quando com visão extinta dorme; na vigília toca o adormecido” (1980, p. 61) –, tece significativas reflexões em torno desse entrelaçamento de morte e vida. Um entrelaçamento que se dá como tensão. Começa por nos *lembrar* de que morremos continuamente até a consumação fática desse morrer. A morte diária que vislumbramos no poema de Cecília Meireles ou no conto de Guimarães Rosa, “Páramo” – “Às vezes sucede que morramos, de algum modo, espécie diversa de morte, imperfeita e temporária, no próprio decurso desta vida” (1969, p. 177). Afinal, não nos esqueçamos de que somos um rascunho. Um rascunho, segundo Rosa, que deve “ser retocado sem cessar” (*Ibidem*, p. 177), ainda que, de início, esses retoques possam nos causar alguma dor. Manuel Antônio de Castro diz-nos que não há “libertação sem dor”. Então, tiremos as máscaras, tiremos a maquiagem! Antes que nos percamos de nós mesmos, vestindo um dominó errado. “Fiz de mim o que não soube,/ E o que podia fazer de mim não o fiz./ O dominó que vesti era errado./ Conhecera-me logo por quem eu não era e não desmenti, e perdi-me./ Quando quis tirar a máscara,/ Estava pegada à cara” (Campos, 2002, p. 292).

Ainda na perspectiva da morte como salto mortal, isto é, transformação, necessidade de olharmos para o espelho, julgamos pertinente a observação que Alexandre Costa faz a partir da leitura do fragmento seis de Heráclito: “(Sol) novo a cada dia” (1980, p. 47). O filósofo argumenta que não se trata de uma transformação que transforma o ser em outro ser. Mas, sim, que diferencia o seu modo de ser. Apenas *e* tudo isso. “Na transformação sucessiva não é o sol que morre, mas os seus modos – o modo do sol de ontem, o de anteontem, o de um segundo atrás” (Costa, 1999, p. 70). Não poderíamos vislumbrar nesse “sol novo a cada dia” a morte contínua presente no poema de Cecília Meireles? Não poderíamos conferir à morte, com seu caráter de renascimento, a completude alcançada pelo amadurecimento do fruto, do qual tão poeticamente nos fala Heidegger? “Com o amadurecimento, o fruto se completa. Será que a morte, a que chega à presença, é também com-

pletude nesse sentido? Sem dúvida, com a morte, a presença completou seu curso” (2006b, p. 319).

Iniciamos este ensaio com duas sentenças bastante significativas quando se pensa a relação tempo e finitude. Vimos, por motivos diversos, que tempo e morte encontram-se sob o mesmo diapasão. Logo, são questões próprias do homem. Assim, muito dificilmente cairão no esgotamento. Há sempre muito a se refletir em torno delas, mas poucas ou nenhuma possibilidade de encontrar definições que possam dar conta de conceitualizá-las. O muito que podemos fazer é estimular sempre mais reflexões que possam nos ajudar a ter um pouco mais de entendimento sobre o sentido da nossa condição humana, que se dá num constante processo de mudança e permanência, como se pode ler na epígrafe de Heráclito com a qual abrimos esta escrita poética: “A morte da terra é tornar-se água, a morte da água, tornar-se ar e a do ar tornar-se fogo e vice-versa” (Heráclito, 1980, p. 101). Guimarães Rosa, no texto “Quemadmodum”, lança-nos, quiçá, um dos mais antigos questionamentos do homem: “– Quem é você? – a interminável questão” (1985, p. 172). Heidegger, ao final da conferência pronunciada em Marburgo, diz que a pergunta sobre o que é o tempo deve ser convertida para “quem é o tempo?” Se temos por medida que o ser é o tempo e o tempo é o ser, poderíamos encerrar este escrito nos apropriando da fala desses dois pensadores que, a cada leitura de suas obras, convidam-nos à reflexão, e, a cada “sol novo”, estimulam nosso pensar. Assim, não poderíamos vislumbrar como palavras finais outras que não fossem estas, fruto de nossa apropriação: Quem é o tempo? Quem é a finitude? – a interminável questão.

## Notas

<sup>1</sup> “Esta possibilidade mais extrema de ser tem o caráter daquilo que se aproxima com certeza, e esta certeza está caracterizada, por sua vez, por uma indeterminação absoluta. [...] A certeza indeterminada da mais própria possibilidade do-ser-relativamente-ao-fim” (Tradução livre).

<sup>2</sup> “Esta antecipação não é outra coisa que o futuro próprio e singular do respectivo Dasein” (Tradução livre).

<sup>3</sup> “Na maioria das vezes, sabe-se da morte na forma de um saber que duvida” (Tradução livre).

<sup>4</sup> Na época em que lemos essa reportagem na revista *Veja*, segundo Roberto Wüsthof, o livro havia sido publicado apenas na Alemanha, e o título, traduzido por ele, seria *Viver novamente antes da morte*. Parece que ainda não há publicação no Brasil, pois pesquisamos em algumas livrarias com grande demanda de títulos e não o encontramos. Assim, nossa referência é apenas a reportagem publicada pela revista *Veja* em 16 de fevereiro de 2005.

## Referências bibliográficas

- CAMPOS, Álvaro de. *Poesia*. Teresa Rita Lopes (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COSTA, Alexandre. *Thanatos: da possibilidade de um conceito de morte a partir do logos heraclítico*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1999.
- DASTUR, Françoise. *Heidegger e a questão do tempo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- HEIDEGGER, Martin. *Concepto del tiempo*. Madrid : Minima Trota, 2006a.
- \_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006b.
- HERÁCLITO. *Fragmentos*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. A crise da ética hoje. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 146 Rio de Janeiro, jul.-set. 2001.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MATEUS 25.13. In: \_\_\_\_\_. *A bíblia sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade bíblica do Brasil, 1969.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. v. 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 (Coleção Nova Aguilar).
- ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Estas estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução William Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- WÜSTHOF, Roberto. “Encarando a morte”. *Veja*, São Paulo, ano 38, pp. 84-9, 16 fev. 2005.

*Resumo*

Neste ensaio, o tempo e a finitude serão pensados em conjunto com o binômio vida e morte, haja vista serem questões inerentes à condição humana e que, de maneira alguma, ocupam posições antagônicas. Para tal, traremos ao diálogo obras cuja densidade poética nos possibilita sermos tocados e, mais ainda, enredados pela malha de caminhos que as mesmas nos possibilitam trilhar. Ainda que durante a escrita deste texto tenhamos fortalecido o entendimento de que o tempo e a morte se encontram sob um mesmo diapasão, não podemos considerar este capaz de uma conclusão objetiva.

*Palavras-chave*

Tempo; finitude; morte; vida.

*Recebido para publicação em*

12/11/2009

*Abstract*

In this paper, time and finitude are thought alongside with the pair life and death, once they are questions inherent to the human condition which in no way take antagonistic positions. To do that, we will bring to dialogue some works whose poetic density makes it possible to be touched or caught in the net of ways that they let us trail. Even though, during the writing of this text, we've strengthened the understanding that time and death are tuned under the same diapason, we can't consider it capable of an objective conclusion.

*Keywords*

Time; finitude; death; life.

*Aceito em*

21/02/2010

